

O passado presente em construções lexicais

substantivos deverbais X-ção de origem latina no português do Brasil

Margarida Basilio

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BASILIO, M. O passado presente em construções lexicais: substantivos deverbais X-ção de origem latina no português do Brasil. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 293-304. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.



O passado presente em construções lexicais: substantivos deverbais *X-ção* de origem latina no português do Brasil

Margarida BASILIO

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/CNPq

Introdução

Neste trabalho,¹ pretendo encaminhar uma reflexão sobre a questão do presente e do passado nas construções lexicais, focalizando algumas construções ocorrentes no Latim Clássico e analisando sua presença e propriedades no léxico do Português. Tomo por base desta reflexão substantivos deverbais *X-ção* relacionados a verbos. Inicialmente, teço algumas considerações sobre a formação de substantivos a partir de verbos e coloco, em linhas gerais, a situação de produtividade do sufixo nominalizador *-ção* no Português do Brasil. Em seguida, analiso a situação de algumas formações latinas correspondentes a formações em *-ção* em Português que se aproximam, mas não se inserem totalmente no padrão geral mais produtivo de nominalização com o sufixo *-ção* no Português de nossos dias. Finalmente, discuto a questão da regularização ou não de formas de morfologia complexa de origem latina e sua situação de permanência (ou não) no léxico do português.

1 A formação de substantivos deverbais

A formação de substantivos a partir de verbos se constitui, provavelmente, no mais significativo processo de mudança de classe na Língua Portuguesa. Isto se deve à necessidade constante de referência à noção do verbo através de uma forma nominalizada, com o objetivo seja de fazer referência ao evento verbal genericamente, e não como predicador,

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil.

seja de focalizar toda uma frase regida pelo verbo dentro de uma perspectiva nominal, seja de recuperar a informação anterior pelo uso da forma nominalizada do verbo, dentre outras possibilidades. Assim, a formação de substantivos deverbais é de fundamental importância para satisfazer requisitos de ordem sintática e estratégias textuais. Adicionalmente, podemos utilizar substantivos deverbais para denominar eventos, fatos, fenômenos ou situações; neste caso, o verbo se transforma no radical da formação e apresenta um significado relevante à denominação. As frases abaixo ilustram os diferentes usos mencionados:

1. a. Destruição e violência não resolvem nada.
- b. A destruição da cidade pelo inimigo era uma questão de tempo.
- c. O diretor decidiu impedir a entrada dos estudantes no salão principal. A decisão se revelou calamitosa.
- d. A depressão é uma crise econômica caracterizada pela significativa redução do consumo.

Dada a forte motivação de ordem semântica, textual e gramatical para a utilização da noção verbal em forma ou perspectiva nominal, a formação de substantivos a partir de verbos se constitui em um dos processos mais produtivos de formação de palavras, em oposição a outros processos de mudança de classe em que prevalece a função denotativa, tais como a formação de verbos ou de adjetivos denominais. Em consequência, instaura-se um padrão de relação lexical N/V, segundo o qual, para um dado verbo, espera-se a existência correlata, no léxico, de uma forma nominalizada (BASILIO, 1980).

2 O sufixo nominalizador *-ção*

A formação de substantivos a partir de verbos se dá por sufixação ou por derivação regressiva, sendo majoritária a derivação sufixal. Dentre os sufixos formadores de substantivos deverbais, o sufixo *-ção* é o mais utilizado. De fato, em trabalho realizado no âmbito do *Projeto Gramática do Português Falado*, foram encontradas três vezes mais ocorrências do sufixo *-ção* em formações regulares do que do sufixo *-mento*, o segundo sufixo mais usado, com cerca de 20% das ocorrências, tendo os demais sufixos (*-agem*, *-da*, etc.) apresentado percentagens mínimas de ocorrência, inferiores a 2% (BASILIO, 1996). Uma proporção análoga foi obtida em outro trabalho, realizado em *corpus* equivalente de língua escrita, organizado no início da década de noventa (ALBINO, 1993).

Assim, para além da produtividade do sufixo *-ção* na formação de substantivos deverbais no Português de hoje, temos também evidência do seu alto teor de produção, tanto em termos absolutos quanto em comparação com outros processos funcionalmente equivalentes, tais como a adição de outros sufixos.

3 Construções *x-ção* regulares e particulares

Quando pensamos em substantivos deverbais, é relativamente fácil listar dezenas de formações *X-ção* de semântica e fonologia regulares, tais como *declaração, realização, efetivação, comparação, participação, desintegração*, etc. Entretanto, o que nos interessa examinar, para os objetivos deste trabalho, são as formações *X-ção* que não se enquadram inteiramente no padrão geral. De fato, ao lado de construções regulares como as arroladas acima, encontramos em português um grande número de substantivos deverbais que se afastam, de um modo ou outro, do padrão geral sincrônico, embora ocorra fonologicamente a sequência *-ção* após o que poderia ser considerado como o radical do verbo correspondente.

Mais especificamente, vamos analisar a situação dos pares V/ N *optar / opção, imprimir / impressão, receber / recepção, fundir / fusão, fingir / ficção e corromper / corrupção*. Nestes exemplos, o substantivo de estrutura *X-ção*, embora possa ser funcionalmente equivalente às formações regulares, não segue o padrão geral de formação, como se constata pela ausência de vogal temática e por diferentes alterações fonológicas, no corpo do sufixo ou no radical.

3.1 Formas *x-ção* no latim clássico

Formas como as exemplificadas acima derivam de processos latinos de formação de substantivos; são produtos que nos vieram de herança. Começaremos nossa análise com alguns dados relativos a essas formações em latim, levantados sobretudo no *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*, de A. Ernout e A. Meillet (doravante EM), no *Dictionnaire Illustré Latin-Français*, de Félix Gaffiot (doravante FG) e no *Novíssimo Diccionario Latino-Portuguez*, de F.R. Santos Saraiva (doravante SS).

De acordo com EM, o verbo básico correspondente a *optar* não existia em latim, havendo, no entanto, um fragmento que justificaria a proposição de existência prévia de um verbo **opio*, de onde viria *optio, onis*; mas em latim o verbo *optare* e o substantivo *optio* têm significados compatíveis, de acordo com FG e SS. O fato de que a forma *optatio, onis*, que corresponderia ao padrão regular, é registrada apenas em Cícero, e como figura de retórica, em referência à faculdade do cidadão de optar, sugere que há um vínculo forte já no latim clássico entre o verbo *optare*, na forma que já incorpora o *-t-* do Supino, e *optio, onis*, o substantivo deverbal provavelmente derivado da forma do Supino de **opio*, de acordo com a proposta de EM.

Em relação a *pressio, onis*, EM registra a forma como rara e técnica, mas o termo é arrolado em FG com a acepção esperada de um deverbal, sendo referidos César e Vitrúvio; o verbo *premere* latino tem como significado básico fazer pressão sobre, apertar sobre, comprimir, embora haja inúmeras outras acepções, de relação semântica nem sempre óbvia. O verbo derivado *imprimere* mantém os significados básicos de aplicar, apoiar, apertar, fazer pressão, imprimir marca. O substantivo *impressio, onis* tem várias referências e o significado de “aplicação” (FG) ou “ação de apertar” (SS), configurando-se, portanto, uma relação direta com o significado básico de *imprimere*.

O verbo *recipere*, derivado de *capere* (tomar, pegar, conter e, por extensão, conceber no espírito, obter, escolher, etc.), tem os sentidos de recolher e retirar, segundo EM. FG arrola diferentes sentidos para este verbo, dependendo do valor do prefixo, tais como retirar, trazer de volta, retornar, em que *re-* denota movimento para trás; retomar, recuperar, em que *re-* corresponde ao retorno a uma situação anterior; e, com o sentido do prefixo esvaziado, os sentidos de receber, acolher, aceitar, tomar posse, encarregar-se, etc., também mencionados por SS, que acrescenta acepções mais detalhadas, tais como restabelecer-se, abrigar-se, prometer, consentir, etc.

O substantivo correspondente *receptio, onis* ocorre, segundo SS, com os significados de ocultamento (Plauto) e retirada (Isidoro), que são significados arrolados por EM em referência ao latim arcaico, mas também presentes como acepções de *recipere*. FG acrescenta o significado de ação de receber. Temos, portanto, algumas acepções correspondentes ao significado do verbo no substantivo deverbal.

Segundo EM, o verbo latino *fundere* apresenta basicamente as acepções de verter e expandir, e é usado especialmente em referência a líquidos, sobretudo metais em fusão; daí viria o sentido técnico de fundir, conservado nas línguas românicas.

Entretanto, várias outras acepções relacionadas a expandir e verter, arroladas em FG, normalmente não são associadas ao verbo *fundir* em português, embora presentes no derivado *difundir*; apenas a acepção mais particularizada de fundir e derreter em relação a metais é significativa no verbo em nossa língua, no sentido de mescla ou solução. Ambos os significados, de expansão e de solução, são registrados na forma latina *fusio, onis*, de acordo com FG e SS. Assim, temos a possibilidade atestada de utilização do substantivo deverbal com significado equivalente ao do verbo.

De acordo com EM, o verbo *ingere* significa basicamente modelar em argila, donde o significado geral de moldar em qualquer material plástico; e, por extensão, reproduzir os traços e representar; e imaginar, fingir, inventar. EM observam, ainda, que o termo não aparece antes do período imperial, aventando a hipótese de Quintiliano, usuário frequente do termo, tê-lo inventado. De acordo com FG, o verbo tem os significados de moldar a cera, modelar, fabricar; mas também modelar ou seguir um modelo no sentido figurado e abstrato; donde representar-se, imaginar; e, finalmente, inventar falsamente, forjar. SS acrescenta significados mais particularizados, tais como esculpir, compor uma obra literária, adaptar, ajustar, afagar, adestrar, dominar, preparar, meditar, etc., todos correlatos às ideias iniciais de fazer, amoldar e suas extensões, de criar, formar e inventar.

Já o substantivo *fictio, onis* apresenta, sobretudo, os significados de criação, formação, e, na linguagem retórica, ficção e suposição. SS registra em Quintiliano as acepções de formação em relação a palavras, pensamento disfarçado ou dissimulado e suposição ou hipótese. FG registra os significados de ato de formação, moldagem, criação, assim como as acepções atribuídas a Quintiliano. Podemos dizer, portanto, que *fictio, onis* em latim ocorre não propriamente nos mesmos termos do significado básico do verbo derivante, embora em termos compatíveis.

Finalmente, EM registram para *rumpere*, de que deriva *corrumpere*, os significados básicos de quebrar com força e romper, sobretudo com a noção de explosão; e *corrumpere* teria inicialmente a noção de fazer romper, e se teria estendido a tudo que se pudesse desgastar ou corromper, mas sem a ideia de quebrar. SS arrola inúmeras acepções, tais como destruir, estragar, deteriorar, prejudicar, alterar, perverter, falsificar, subornar; FG registra, adicionalmente, aniquilar, deteriorar física ou moralmente, corromper os costumes, seduzir; mas os sentidos registrados para *corruptio*, em Tácito e Cícero, são os de alteração, sedução e depravação.

Este quadro preliminar nos mostra que estamos longe de obter uma situação transparente nas formas nominalizadas, que garantisse a relação sistemática entre verbo e substantivo deverbal, com a funcionalidade que esta relação apresenta na língua portuguesa atual.

De certa maneira, o quadro que temos corresponde a uma situação usual de formas derivadas: existe uma relação entre o significado do verbo e o do substantivo deverbal, mas a margem de variação é grande, já que a forma derivada surge de diferentes necessidades de denominação a partir do significado da base, às quais se adicionam outras, decorrentes do uso. Em consequência, é relativamente comum a situação de formas derivadas que correspondem a apenas parte dos significados do verbo correspondente; ou a existência de substantivos verbais diferentes para diferentes significados de um mesmo verbo.

Nos pares N/V mencionados, temos compatibilidade de significado entre *optare* e *optio*, apesar das irregularidades fonológicas; o par *imprimere/ impressio* apresenta coerência semântica no sentido inicial de calcar e aplicar, e em alguns sentidos mais abstratos, como a de gravar no espírito, a par com alterações fonológicas marcantes. Em *receptio*, como vimos, a forma nominalizada é compatível com apenas algumas das várias acepções do verbo; o mesmo ocorre com *fictio* e *corruptio*.

Não há, portanto, um quadro transparente de relações verbo-nome, mas também não podemos dizer que seja um quadro de opacidade. Assim, é razoável dizer que há condições de reconhecimento de uma relação lexical entre *optare* e *optio*, *imprimere* e *impressio*, *fundere* e *fusio*, *recipere* e *receptio*, *fundere* e *fusio* e *corrumpere* e *corruptio*; entretanto, são variadas as relações morfossintáticas e semânticas, de tal modo que é difícil a apreensão de um padrão, à exceção dos elementos *-io*, *ionis* ou *-tio*, *-tionis*, que se transforma em *-çom* e posteriormente em *-ção* no português atual. No caso das formas latinas, no entanto, o aspecto da alteração fonológica pode ser menos ou mais relevante, dependendo da relação que se poderia ter entre a forma nominalizada e a forma do Particípio Passado.

3.2 Formações *x-ção* no português

Veremos agora a situação destes substantivos verbais no português. Abordo inicialmente a situação do elemento formador para, em seguida, expor algumas informações lexicográficas sobre o registro das formações exemplificadas.

Segundo Houaiss, o elemento formador de verbos em português é *-ação*, oriundo da junção da vogal temática *a-* ao sufixo *-ção*, o qual, por sua vez, resulta da incorporação do *t-* do radical do supino dos verbos da 1ª conjugação ao sufixo latino *-io, ionis*, formador de substantivos verbais de ação. Para o lexicógrafo, este sufixo é “...extremamente fecundo no latim clássico e continuando-o no latim vulgar sob a forma *-ione(m)*, que dá o português arcaico *-om*, modernamente *-ão*, no caso vertente *-com>-ção*” (HOUAISS, 2001, p. 41).

Ou seja, o sufixo nominalizador de produtividade maior no latim clássico é *-io, ionis*, mas o sufixo nominalizador nos verbos em português é *-ção*, oriundo do mesmo sufixo latino, mas na forma que incorpora tanto o *-t* do supino, transformado em *ç*, quanto a nasalização remanescente do tema em nasal latino. Na proposição de Houaiss, o elemento produtivo já teria incorporado a vogal temática; isto corresponde a afirmar que apenas nominalizações em *-ação* teriam sido formadas na língua portuguesa, quer oriundas de verbos de primeira conjugação, quer de segunda ou terceira conjugações. A alternativa de análise que adoto, que toma por base a situação sincrônica do sufixo e encontra respaldo em algumas das formações citadas, é considerar *-ção* como o elemento produtivo, sendo o *-a* a vogal temática. Mas, seja qual for a análise adotada, as formações com que estamos lidando não se enquadram no padrão produtivo atual, dada a ausência da vogal temática (em minha análise) ou do nominalizador *-ação* (na análise de Houaiss). Ou seja, embora tenha havido uma reestruturação morfológica com a junção do *-t-* do supino com o nominalizador *-io, -ionis*, formando o novo nominalizador *-ção*, o processo resultante inclui uma vogal, quer como marca do tema, quer como parte do sufixo, de modo que as formações, regulares em latim, deixam de ser regulares em português.

Apresentamos abaixo alguns dados sobre a entrada dessas palavras no léxico do português, levantados no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (doravante DH).

O verbo *optar* ocorre em português em 1858, com o sentido básico de decidir-se. Analogamente, registra-se *opção* no séc. XVII, com o sentido básico de ato, faculdade ou efeito de optar. É interessante observar o registro do adjetivo *optativo*, do lat. *optativus*, na acepção “relativo a ou em que há expressão de vontade ou desejo”, datando de 1576. Não há registro da forma **optação*, embora haja cognatos, como *cooptação*.

O verbo *imprimir* é registrado em português no séc. XIV, com o sentido de marcar por meio de pressão, gravar. Registram-se variantes como *empremir, imprimio, imprimir*. O substantivo *impressão* ocorre no séc. XV, com as formas *empressom e jmpressam, imprimissão*. A forma atual, *impressão*, aparece em 1522. O significado básico é o de ato ou efeito de imprimir, isto é, pressionar, apoiar algo sobre algo; e a marca deixada por este ato. Dentre as formas variantes, a ocorrência *imprimissão* sugere que o nominalizador *-ção* é produtivo já em português fora do contexto da vogal temática *-a*.

O verbo *fundir* ocorre em português já no séc. XIV, com a acepção de tornar (se) líquido ou derreter, especialmente em relação a elemento metálico, ou dissolver. Encontram-se no séc. XIV as variantes *fundir, f-udir, fondir, fonder*. Também no séc. XIV ocorre *fundição*, como ato, efeito ou arte de fundir metais e local, fábrica onde se fundem metais.

A grafia registrada é *fondiçõ*. Este é outro caso em que *-ção* ocorre no português arcaico sem a vogal *-a-*. Já *fusão* é de ocorrência tardia, em 1612, com o significado de ato ou efeito de fundir(-se). As variantes registradas são, em ordem cronológica, *fuzão*, *fuzam* e *fusão*.

O verbo *fingir* ocorre no séc. XIV, já com o sentido de ocultar sentimento ou intenção, dissimular, aparentar. São registradas as variantes *fingir* e *finger*. Também no séc. XIV é registrado *fingimento*, com o significado de ação ou efeito de fingir(-se), ou seja, dissimulação de sentimento, ideia, intenção. São registradas as variantes *fingim-eto* e *fingimento*. Já *ficção* ocorre mais tardiamente, em 1534, também com o significado de ato ou efeito de fingir, mas relacionado a construção, voluntária ou involuntária, da imaginação, quimera, construção subjetiva de um acontecimento, etc. Registram-se as variantes *ficções*, *ficam*, *ficções* *fiçois*. Registra-se, também a ocorrência do fr. *fiction*, de cerca de 1233, com o significado de impostura.

O verbo *corromper* ocorre em português já em 1255, com o significado de deteriorar. Há várias grafias registradas: *coronper*, *cor-uper*, *cõrrõper*, *corromper*, *comrrromper*. Já *corrupção* data de 1344, como ato, processo ou efeito de corromper; deterioração. As variantes registradas são *corrupçom*, e *corrupção*. Há também o registro de *corrompimento* no séc. XIV, com as variantes *corrompim-eto*, *corrompimento* e *comrrumpimento*.

O verbo *receber* ocorre em português em 1048, com o sentido de entrar na posse de, receber, com inúmeras acepções. Algumas formas registradas são *recebi*, *receber*, *reçebir*, *rreçebya*. O substantivo *recebimento* é registrado no séc. XIII, como ato ou efeito de receber, relacionado ao acolhimento de pessoas, hospitalidade, além de entrada na posse de bens. Algumas variantes são *recebimento*, *recebim-ento*, *rreçebimento*, *rreçibimento*. A forma *recepção*, no entanto, é do séc. XV, com as acepções de ato ou efeito de receber e modo de receber, acolhimento, aceitação, ato de receber alguém de acordo com cerimoniais, etc. Ocorrem, no séc. XV, as variantes *reçoçion*, e *reçoçom*.

Naturalmente, esses dados não registram as acepções que talvez pudéssemos deduzir dos contextos de ocorrência. Entretanto, algumas observações podem ser feitas mesmo a partir de dados levantados em dicionário.

Chama a atenção, por um lado, a ocorrência de formações em *-mento*, sufixo que também apresenta grande vitalidade no latim vulgar, como no caso de *fingimento*, ligado à ideia de dissimulação intencional, em oposição a *ficção*, de cunho criativo e imaginário. É interessante, em particular, o sentido intencional de engano em *fingimento*, ocorrendo no séc. XIV, em oposição ao sentido mais imaginário, que é o sentido mais básico latino, ocorrendo em 1540, o que sugere uma contraposição entre a criação da forma nominalizada em *-mento* a partir do final da cadeia de evolução semântica, com o retorno da forma latina do substantivo com o sentido anterior.

O verbo latino *fingere* parece ser bem mais ligado à ideia de criação: parte-se da ideia de moldar em argila, modelar, donde esculpir, conformar, representar, imaginar, criar e, daí, inventar falsamente e forjar. Assim, *ficção* é o ato de dar forma, criação, modelagem, *ficção*, suposição, hipótese. Em português, *fingir* é associado aos sentidos correspondentes

à extensão semântica, o que também acontece com *fingimento*, formação que não é registrada no latim clássico.

Observamos também *recebimento*, relacionado à ideia de entrar na posse, ocorrendo no séc. XIII, enquanto *recepção*, com significado ligado a cerimoniais, ocorre apenas no séc. XV; e *corrupção* e *corrompimento*, ambas no séc. XIV.

Outro registro relevante é a ocorrência de formas como *imprimissão*, que mostra que, ao lado do termo *impressão*, que se fixou, também ocorre a forma nominalizada correspondente a um padrão generalizado.

Estes dados, embora restritos e preliminares, são convergentes com nosso conhecimento da situação de impacto avassalador de formas latinas de formação erudita na língua portuguesa, mencionadas usualmente em compêndios de Gramática Histórica. Assim, muitas das formas que se fixaram e que usamos atualmente teriam sido retomadas diretamente de sua forma latina. Passo então a algumas questões que emergem destes dados.

4 Questões e proposições

Retomando a afirmação inicial do trabalho, o sufixo *-ção* é o mais produtivo na formação de substantivos deverbais em português, embora o conceito de produtividade constitua uma discussão ainda em curso entre os especialistas (BAUER, 2001). Entendo aqui por produtividade, segundo a formulação de HOCKETT (1958), a expectativa de utilização de um processo gramatical, ou, mais especificamente, no caso, a expectativa de utilização de um processo lexical. Assim, a produtividade de *-ção* corresponde à expectativa da adição de *-ção* a verbos para a formação de substantivos deverbais em português. E, dado que a utilização do padrão fica marcada em seus produtos (KASTOVSKY, 1986), é prática normal a utilização de dados quantitativos de formações lexicais como sinais de produção e também indutores de expectativas.

Tanto no português falado quanto no português escrito o sufixo *-ção* é, de longe, o elemento nominalizador mais produtivo. Mas, o que entendemos por elemento nominalizador? O termo é por demais abrangente, por determinar como produto um substantivo, o que inclui, entre outros, os chamados nomes de agente. Naturalmente, nosso tópico se restringe aos tradicionalmente chamados “nomes de ação”, mas mesmo este termo ainda não é suficientemente restritivo. No caso em questão, é importante levar em conta, por um lado, a maioria esmagadora de substantivos deverbais formados pela necessidade textual de referência ao processo verbal, assim como a necessidade de referência da noção verbal em si, em oposição ao evento predicado de seres específicos, através da forma nominalizada do verbo. Ou seja, damos o nome de substantivo deverbal a quaisquer substantivos derivados de verbos; mas só podemos considerar substantivos correlatos a verbos, como padrão lexical, aqueles que podem fazer as vezes do verbo correspondente em situações

de estrutura nominal, requeridas por motivos de arquitetura textual; ou substituí-lo como elemento radical na formação de uma palavra que designe o evento.

No que tange às palavras recompostas que estamos analisando, é patente a possibilidade de utilização do substantivo em lugar do verbo em quase todas. Por exemplo, podemos formar frases como “*a opção pelo lucro fácil é perigosa*”, “*a construção de castelos de areia não compensa*”, “*a fusão de empresas é cada vez mais comum*”, “*a corrupção de menores é um crime hediondo*”, etc., a partir de seus correlatos verbais “*optar pelo lucro é perigoso*”, “*construir castelos de areia não compensa*” etc., embora os substantivos *recepção* e *impressão* apresentem restrição de contextos de ocorrência no caso da interpretação verbal. Assim, em apenas um caso, o de *ficção*, constatamos que a forma de origem latina não corresponde à nominalização do verbo, havendo, neste caso, um desligamento tanto semântico (o verbo *fingir* em português não mantém os sentidos originais latinos) quanto fonológico (a ausência da nasalidade concomitante ao ensurdecimento da oclusiva velar, na forma nominalizada, juntamente com a palatalização da velar no verbo, dificultam o reconhecimento da relação entre *fingir* e *ficção*).

Constatamos, portanto, que a maioria das formações analisadas se enquadra funcionalmente no padrão lexical da relação nome/verbo do português atual, ainda que se trate de formas recompostas diretamente de fonte latina a partir do séc. XVI. Parece, então, que o que prevalece é o padrão da relação V/N, consubstanciado numa estrutura *X-ção*. Falta-nos então determinar a motivação para dois fatos: o primeiro, concernente ao não prevalecimento de formas como *imprimissão*, *corrompimento* etc.; o segundo, relativo ao comportamento dos pares analisados, em geral idêntico ao das formas regulares, tendo em vista que as formas foram incorporadas no séc. XVI.

É razoável propor que os dois fatos derivam do caráter paradigmático da relação nome/verbo; e da natureza da utilização dos nomes deverbais no texto escrito, o que se relaciona diretamente com o fato de se tratar da língua culta.

Quanto ao primeiro fato. Observamos ocorrências de formas como *imprimissão*, *recebimento*, *fingimento*, *corrompimento* no português arcaico; e sabemos que *-mento* já é produtivo no latim vulgar.

Destas formas, *fingimento* e *recebimento* apresentam especificações em sua utilização. Em *recebimento* temos o sentido de entrada de posse, o mais antigo do verbo correspondente, em oposição a *recepção*, de entrada mais tardia, e com o sentido ligado a acolhida e relacionado a cerimoniais. Em *fingimento* prevalece o significado de intenção de enganar, enquanto *ficção* se liga ao lado imaginário, mais relacionado ao sentido mais primitivo do verbo *fingere*. Neste caso, o verbo migrou de significado para a acepção do engano, assim restabelecendo o par *fingir/fingimento*, ficando *ficção*, conforme já referido, como um termo virtualmente autônomo.

No caso de *corrompimento*, é natural que tenha prevalecido *corrupção*, em relação ao significado menos concreto e mais nefasto, ligado ao de sedução, que já ocorre no latim clássico, dado que o significado ligado à destruição tem seu lugar em *rompimento*, de

rumpere, cuja forma nominal correspondente *ruptio* é de registro posterior ao latim clássico e de mínima utilização.

Quanto ao segundo ponto, a questão que se coloca é por que tais formas permaneceram, isto é, por que não foram regularizadas, substituídas por formas oriundas do padrão geral. Ou seja, por que não usamos, nos dias de hoje, as formas *imprimição*, *optação*, *corrompimento*, e assim por diante?

Parece haver, nesse caso, a influência conjugada de quatro fatores: a pressão social que define a fala culta, a frequência, a situação paradigmática dessas formas e a presença do elemento produtivo *-ção*, apesar da não regularidade das formações.

Como vimos, as formas latinas entraram para o português tanto por via erudita, maciçamente a partir do séc. XVI, como por evolução natural. No caso dos substantivos deverbais, temos uma situação mais favorável para a manutenção das formações eruditas, dado o papel do substantivo deverbais na arquitetura textual, sobretudo em textos formais e acadêmicos. Colocada a situação de competição de formas, sabemos que a forma estabelecida por uma elite culta prevalece sobre uma formação ditada pelos padrões gerais, usada em emissões ocasionais ou por parte de emissores não autorizados. De fato, podemos observar que o mesmo fenômeno se verifica ainda hoje: enquanto nós, professores universitários e leitores inveterados, sabemos quais são os substantivos deverbais correspondentes aos verbos que utilizamos, alunos em provas de vestibular frequentemente utilizam formações em *-ção*, e *-mento* para verbos cujas contrapartes nominais atestadas eventualmente desconhecem.

Podemos, então, dizer que a razão por que formas consoantes com padrões gerais, como *?optação*, *?optamento*, *?imprimição*, *?corrompição* e *?corrompimento*, não foram construídas é agora a mesma de antes. Mais ainda, não se trata, propriamente, de formas não sendo construídas, mas de formas não sendo mantidas, ou consagradas; ou mesmo de formas sendo desautorizadas.

A consequência da repressão das formas se faz sentir com clareza na frequência. Normalmente, existem dois fatores regulando o léxico e facilitando a produção e aquisição: a regularidade e a frequência. A frequência é indispensável na ausência de regularidade, dadas as limitações de memória; a regularidade é fundamental para o conhecimento e manutenção automáticas de formas a partir de padrões gerais de fácil aquisição. Assim, a regularidade é fator fundamental no caso de formações novas ou possibilidades para as quais não haja uma forma consagrada, mas a frequência é fundamental para a aquisição de formas consagradas.

O outro ponto relevante a se considerar é que estas formas não são autônomas, isto é, elas constituem pares de uma relação lexical. Em consequência, não se trata apenas da possibilidade de se construir uma forma, mas de se utilizar a contraparte nominal de um verbo. Isto coloca uma situação mais complexa no que tange à frequência, dado que o que é mais relevante não é a utilização de uma formação, em geral, e, sim, a utilização desta formação como contraparte nominal de um verbo.

Mas esta relação não chega a ser uma relação de cunho flexional, como acontece no caso dos Participípios; isto explica por que, nestes mesmos verbos, as formas participiais foram regularizadas, isto é, reestruturadas de acordo com o padrão geral (*corrompido, optado, recebido, fingido*, etc.), mas não os substantivos deverbais. Nestes, prevalece a regularização funcional, na utilização do substantivo deverbal com as funções previstas, lado a lado com a forma herdada latina.

Vemos, portanto, que a produtividade e sua relação com a frequência, assim como a noção de substantivo deverbal e a relação de sufixos com processos de formação são bem mais complexas do que parecem à primeira vista. E um conhecimento mínimo do passado revela muito da nossa ignorância, tanto do passado quanto do presente.

Conclusão

Neste trabalho, tentei encaminhar uma reflexão sobre a relação presente/passado nas construções lexicais, através de uma análise da situação de formas em *-ção* herdadas do latim, em confronto com o padrão regular mais produtivo do Português, ambos envolvendo o sufixo nominalizador *-ção*.

Espero ter mostrado que, na constituição do léxico, a produção de processos atuantes de formação de palavras compartilha espaço e funções com produtos de processos produtivos em outros momentos da história; e que esses produtos históricos também se adaptam a funções determinadas por padrões gerais de relação lexical.

Tendo em vista, por outro lado, que a produtividade lexical é usualmente inferida pela presença quantificada de elementos formadores em construções lexicais, ficou clara a complexidade da situação de formações *X-ção* oriundas do padrão latino no léxico do português, na medida em que não há nenhuma expectativa de formações oriundas dos respectivos padrões de formação, quando, no entanto, existe o efeito da sequência *-ção* com a função nominalizadora, sendo esta frequência, em grande parte, oriunda da pressão conservadora das formas consagradas.

Em suma, na breve análise de formas como *opção, impressão, fusão, corrupção*, e outras, podemos constatar que o passado se incorpora e, portanto, se torna presente na constituição do léxico da Língua Portuguesa.

Referências

- ALBINO, José Mauro (1993). *As condições de produção dos sufixos nominalizadores -ção e -mento no português escrito formal*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- BASILIO, Margarida (1980). *Estruturas lexicais do português*. Petrópolis: Vozes.
- BASILIO, Margarida (1996). Formação e uso da nominalização deverbal sufixal no português falado. In: CASTILHO, Ataliba; BASILIO, Margarida (Org.). *Gramática do português falado. IV: estudos descritivos*. Campinas: Editora UNICAMP/FAPESP. p. 223-233.

- BAUER, Laurie (2001). *Morphological productivity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ERNOUT, Alfred; MEILLET, Antoine (1959). *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris: Klincksieck
- GAFFIOT, Félix (1934). *Dictionnaire illustré latin-français*. Paris: Hachette.
- HOCKETT, Charles (1958). *Course in modern linguistics*. New York: Macmillan.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- KASTOVSKY, Dieter (1986). The problem of productivity in word formation. *Linguistics*, n. 24, p. 585-600.
- SARAIVA, F. R. Santos (s.d.). *Novíssimo dicionário latino-português*. 3 ed. Paris/Rio: Garnier.